

## A Transformação Socialista do Homem [1] (\*)

Por Lev Semenovitch Vigotski

Tradução de Roberto Della Santa Barros (\*\*)  
e Revisão de Marcelo Dalla Vecchia (\*\*\*)

---

A psicologia científica estabeleceu – enquanto sua tese mais elementar – o fato de que o moderno tipo psicológico humano é um produto de duas linhas evolutivas. Por um lado, esse tipo moderno de ser humano desenvolveu-se em uma processual evolução biológica de longa duração, da qual surgiu a espécie *Homo sapiens*, com todas as suas características inerentes – do ponto de vista da estrutura corpórea, das funções de órgãos diversos e de certos tipos de reflexos e atividades instintivas – que foram hereditariamente fixadas e transmitidas adiante de geração em geração.

Mas, por outro lado, simultaneamente ao início da vida social e histórica humana – e das mudanças fundamentais das condições às quais ela teve que se adaptar –, mudou também o caráter mesmo do subsequente decurso da evolução humana, de forma bastante radical. Até onde é possível discernir, com base no material empírico [factual] disponível, obtido principalmente através da análise comparativa entre os tipos biológicos de populações primitivas nos estágios mais elementares de seu desenvolvimento cultural, junto a seus outros representantes, culturalmente mais avançados – e até onde esse problema pode ser solucionado nos limites da teoria psicológica contemporânea –, há fortes razões para supor que o tipo biológico humano mudou, fundamentalmente, muito pouco durante o decurso do desenvolvimento do homem. Não se trata, evidentemente, de que a evolução biológica tenha já chegado ao seu fim, ou de que a espécie ‘homem’ seja fixa, inalterável, imutável; mas, preferentemente, que as leis elementares e os fatores essenciais que dirigem o processo mesmo de evolução biológica retrocederam agora ao segundo plano: ou decaíram por completo, ou se tornaram uma porção muito reduzida e/ou sub-dominante [N.doT.: “sobredeterminada”] em relação às mais novas e complexas leis sociais que regem o desenvolvimento humano.

De fato, a luta pela existência e a seleção natural – forças motrizes da evolução biológica, no interior do mundo animal – perderam a sua importância decisiva assim que passamos a considerar o reino do desenvolvimento histórico do homem [N.doT.: “mundo dos homens”]. As novas leis, que regulam o decurso da história humana – e que regem a totalidade do processo de desenvolvimento material e mental da sociedade humana –, agora tomaram de vez o seu lugar.

Tal qual um indivíduo só existe como um ser social – como um membro de algum grupo social, em cujo contexto ele segue o percurso do desenvolvimento histórico –, a composição de sua personalidade e a estrutura de seu comportamento acaba por se constituir em uma variável [‘*quantum*’] dependente da evolução social, cujos principais aspectos são determinados pela última. Já nas sociedades primitivas – que estão apenas esboçando seus primeiros passos, no percurso de seu próprio desenvolvimento –, a completa constituição psíquica dos indivíduos pode ser vista como diretamente dependente do desenvolvimento social da técnica (do grau de desenvolvimento das forças produtivas) e da estrutura daquele grupo social ao qual o indivíduo pertence.<sup>2</sup> As pesquisas no campo da psicologia étnica forneceram evidências incontestáveis de que ambos os fatores – cuja interdependência intrínseca foi estabelecida a partir da teoria do materialismo histórico – são os elementos decisivos de toda a estrutura psíquica [psicologia] do homem primitivo.

Em nenhum outro lugar, de acordo com Plekhanov,<sup>3</sup> essa dependência da consciência em

relação ao modo de vida manifesta-se de maneira mais óbvia e direta do que na vida do homem primitivo. Isso se deve ao fato mesmo de que os elementos que realizam a mediação entre o progresso técnico e o psíquico são ainda muito escassos e rudimentares e, conseqüentemente, essa é a razão pela qual tal dependência pode ser observada de forma quase nua e crua. Mas uma relação muito mais intrincada entre esses dois fatores pode ser observada em uma sociedade de desenvolvimento avançado, com uma complexa estrutura de classes. Aqui a influência da base [infra-estrutura] sobre a superestrutura psíquica do homem já não se dá forma direta, mas mediada por um grande número de fatores materiais e espirituais, bastante complexos. Mas até mesmo aqui a lei fundamental do desenvolvimento histórico humano – que proclama serem os seres humanos criados pela sociedade na qual vivem, e que a mesma representa o aspecto fundacional na formação de suas personalidades – conserva o vigor.

Da mesma forma que a dinâmica de uma sociedade viva não representa uma totalidade simples e uniforme, e que a sociedade mesma é seccionada em diferentes classes sociais; assim, durante um período histórico determinado, não se pode dizer que a composição das personalidades humanas represente algo homogêneo, unívoco. A psicologia, ao levar em conta o fator elementar da tese geral aqui recém-enunciada, só pode ter uma conclusão direta: confirmar o caráter de classe, a natureza de classe e as distinções de classe como responsáveis pela formação dos tipos humanos. As várias contradições internas, as quais se encontram nos diferentes sistemas sociais, encontram sua expressão acabada tanto no tipo de personalidade, quanto na estrutura do psiquismo humano de um período histórico determinado.

Em suas clássicas descrições do período inicial do capitalismo,<sup>4</sup> Marx aborda freqüentemente a temática da corrupção da personalidade humana, originada pelo crescimento da sociedade capitalista industrial. Em um extremo da sociedade, encontramos a divisão [N.doT.: “alienação”] entre o trabalho intelectual e o material, a separação entre a cidade e o campo, a exploração implacável do trabalho de crianças e mulheres, a pobreza e a impossibilidade de um desenvolvimento livre e omnilateral do pleno potencial humano; e, no outro extremo, folga e ostentação. De tudo isso resulta não só que o tipo humano autenticamente único diferencia-se e fragmenta-se em vários tipos, de diferentes classes sociais – como estes, por sua vez, permaneçam em agudo contraste entre uns e outros –, mas também a corrupção e a distorção da personalidade humana, assim como sua sujeição a um desenvolvimento inadequado, unilateral, *no interior mesmo de todas essas diferentes variantes tipológicas humanas*.

Diz Engels, “com a divisão de trabalho, o próprio homem foi seccionado.”<sup>5</sup> De acordo com Riazanov, “cada forma de produção material especifica alguma divisão social do trabalho, e isso é responsável por sua divisão espiritual. A começar pela corrupção da sociedade primitiva, já podemos observar a seleção de várias funções espirituais e organizativas em espécies e subespécies determinadas, em função do desenvolvimento da divisão social do trabalho.”<sup>6</sup> Mais adiante, Engels afirma:

“Já a primeira grande divisão do trabalho, a divisão entre a cidade e o campo, condenou a população rural a um milenar embotamento mental; [condenou] a população urbana à escravização, cada qual segundo seu ofício particular. Tal separação aniquilou a base para o desenvolvimento espiritual do primeiro, e a do físico, para o último. Se um camponês é o mestre de sua terra e o artesão de sua arte, então, em grau nada menor, a terra governa o camponês e a arte o artesão. A divisão do trabalho causou ao homem sua própria secção. Todas as demais faculdades físicas e espirituais remanescentes são sacrificadas para que se desenvolva somente uma forma de atividade. (...) Essa degeneração do homem avança à medida mesma em que a divisão do trabalho alcança seu nível mais alto, na manufatura. A manufatura ‘quebra’ o ofício do artesão em operações fracionadas, e atribui, na qualidade de vocação, cada uma delas a um trabalhador distinto e os acorrenta a uma operação fracionária específica, a uma ferramenta

específica de trabalho, para o resto da vida. (...) E não só os trabalhadores, mas também as classes que os exploram – direta ou indiretamente – são escravizadas pelos instrumentos de suas atividades, como resultado da divisão de trabalho: os burgueses, amesquinados pelo capital e pela ganância de lucros; o advogado pelas idéias jurídicas ossificadas que o governam como se foram uma força independente; ‘as classes educadas’, em geral, por suas limitações locais, particulares e unilaterais, suas deformidades físicas e sua miopia espiritual. Estão todos mutilados pela educação que os treina para uma certa especialidade, pela escravização vitalícia a essa especialidade, até mesmo se essa especialidade seja fazer absolutamente nada [a mais absoluta lassidão].”<sup>7</sup>

É o que Engels escreveu n’*O Anti-Dühring*. Temos que proceder a partir do pressuposto básico de que a produção intelectual é determinada pela forma de produção material. “Assim, por exemplo, no capitalismo, encontra-se uma forma diferente de produção espiritual daquela predominante durante a Idade Média. Cada forma historicamente definida de produção material tem sua forma correspondente de produção espiritual, e isto, por sua vez, significa que o psiquismo humano – que é o instrumento direto dessa produção intelectual – adquire uma forma específica a cada estágio determinado do desenvolvimento”.

Essa degeneração dos seres humanos, esse desenvolvimento unilateral e distorcido das suas várias capacidades que Engels descreve – e que surge com a divisão entre cidade e campo – está crescendo à grande escala, devido à enorme influência da divisão técnica do trabalho. Diz Marx [Engels]:

“Todo o conhecimento, perspicácia e vontade que o camponês e o artesão independentes desenvolvem, embora em uma escala pequena, como o selvagem que age como se toda a arte da guerra consistisse no exercício de sua astúcia pessoal, essas faculdades agora são requeridas apenas na oficina, como um todo. As potências intelectuais de produção fazem-nas desenvolverem-se em um só sentido, fazendo-as perecer em muitos outros. O que foi perdido pelos trabalhadores parciais [‘Teilarbeiter’] *concentra-se*, enfrentando-os, no capital que os emprega. Como resultado da divisão de trabalho no seio da manufatura, o trabalhador é levado a encarar as *potências intelectuais* do processo material de produção como *propriedade alheia, e como um poder que o domina*. Esse *processo de secção* começa na cooperação simples, na qual o capitalista representa para o trabalhador individual a unidade e a vontade do trabalho coletivo [‘Arbeitskörpers’]. Isso, que se desenvolve na manufatura, a qual mutila o trabalhador, transformando-o em um trabalhador parcial, é terminado pela indústria de grande escala, que separa a ciência – enquanto um potencial produtivo – do trabalho e a coloca a serviço do capital.”<sup>8</sup>

Como resultado do avanço do capitalismo, o desenvolvimento da produção material trouxe simultaneamente consigo a divisão progressiva do trabalho e o crescente desenvolvimento distorcido do potencial humano. Se “na manufatura e no trabalho artesanal o trabalhador faz uso de suas ferramentas, então na fábrica ele se torna o criado da máquina”. Marx diz que na situação anterior ele inicia o movimento da ferramenta mas, posteriormente, ele é forçado a seguir seu movimento [da máquina]. Os trabalhadores transformam-se em “extensões vivas das máquinas”, e o resultado é a “tenebrosa monotonia, o infinito tormento do trabalho” que Marx diz ser o elemento característico do período de desenvolvimento capitalista inicialmente descrito. O trabalhador é aprisionado a uma função parcelar e, de acordo com Marx, isso “mutila o trabalhador, transformando-o em uma anormalidade, fomentando artificialmente [‘Treibhausmäsige’] apenas uma habilidade parcial – como a uma planta de estufa –, suprimindo toda a riqueza restante de seus talentos e inclinações produtivas – como se faz nos Estados do Prata [i.e.: Argentina], ao sacrificar animais inteiros para lhes arrebatam o couro ou a gordura.”

Atualmente, o trabalho infantil representa um exemplo particularmente aterrador da

degeneração do desenvolvimento psíquico humano. Na desesperada busca por mão-de-obra barata, e devido à simplificação extrema das funções no interior da divisão do trabalho, o recrutamento infantil em grande escala tornou-se possível, o que resulta em um desenvolvimento retardado, distorcido ou absolutamente unilateral, ocorrido na idade mais sensível à formação da personalidade humana. O clássico estudo de Marx<sup>9</sup> está cheio de exemplos de “esterilidade intelectual”, “degradação física e intelectual”, “reconversão de seres humanos imaturos em máquinas para a obtenção de mais-valia”; apresentando um vívido quadro de todo o processo que resulta em uma situação na qual “o trabalhador existe em função da saúde do processo de produção, e não o processo de produção em função da saúde do trabalhador.”

No entanto, todos esses fatores negativos não nos dão um quadro completo de como o processo de desenvolvimento humano é influenciado pelo acelerado crescimento da grande indústria. Todas essas influências adversas não são inerentes à indústria de grande escala como tal, mas à sua organização capitalista, baseada na exploração de enormes contingentes populacionais, resultando em uma situação na qual, ao invés de levar cada novo passo em direção à conquista da natureza pelos seres humanos; cada novo patamar de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade alcançado à frente; não só fracassou em elevar a humanidade como um todo – e cada personalidade humana individual – para um nível mais alto, como a reconduziu a uma degradação mais profunda da personalidade humana e de seu potencial crescimento omnilateral.

Ao observar os efeitos degradantes do moderno processo civilizatório sobre os seres humanos, filósofos como Rousseau e Tolstói não puderam ver nenhuma outra solução senão um retorno à pretérita integralidade e pureza da natureza humana. De acordo com Tolstói, nosso ideal não está à nossa frente, mas atrás de nós. Nesse sentido, do ponto de vista social desse romantismo reacionário, os períodos primitivos de desenvolvimento social humano apresentar-se-iam como o ideal que a humanidade deve perseguir. E, efetivamente, uma análise mais profunda das tendências históricas e econômicas que regulam o desenvolvimento capitalista mostraria que esse processo de mutilação da natureza humana, aqui demonstrado, é inerente não à crescente industrialização de grande escala como tal, mas à forma especificamente capitalista de ordenação societária que a conduz.

A mais importante e fundamental contradição, em toda essa formação [estrutura] social, consiste no fato mesmo de que dentro dela, sob pressão inexorável, estão se desenvolvendo, implacavelmente, as forças para a sua própria destruição, e estão sendo criadas as condições para sua futura substituição por uma nova ordem, baseada na ausência da exploração do homem pelo homem. Mais de uma vez, Marx demonstrou como o trabalho – e/ou a grande indústria, em-si mesmos – não levam necessariamente à mutilação da natureza humana, como um seguidor de Rousseau ou Tolstói afirmaria, senão que, muito pelo contrário, *contêm dentro de si mesmos infundáveis possibilidades para o desenvolvimento da personalidade humana.*

Diz Marx: “como demonstra Robert Owen, tem crescido a semente de um sistema educacional futuro que combinará o trabalho produtivo com a educação escolar e física para todas as crianças acima de uma certa idade, não só como meio de aumentar a produção social, mas como o único método de produzir seres humanos bem-educados”. De modo que a participação das crianças na manufatura que, sob o sistema capitalista – particularmente durante o período descrito, de crescimento do capitalismo –, é a fonte de sua degradação física e intelectual, contém *em si mesma* as sementes [N.doT.: “in nuce”] de um sistema educacional futuro que pode vir a se constituir na forma superior de criação de um novo tipo de ser humano. A crescente industrialização de grande escala faz necessário, *por si só*, que se construa um novo tipo de trabalho humano – e um novo tipo de ser humano – que seja capaz de levar a cabo essas novas formas sociais de trabalho. Diz Marx: “A natureza da industrialização de grande escala

determina mudanças no trabalho; uma mudança ininterrupta de funções e uma completa mobilidade para o trabalhador. (...) O indivíduo que foi transformado em uma fração, o simples portador de uma função social fracionária, será substituído por um indivíduo completamente desenvolvido, para o qual as funções sociais diversas representam formas alternativas de suas próprias atividades”.

Assim que não só se demonstra que a combinação do trabalho industrial com a educação social provou ser um dos meios para criar gentes plenamente desenvolvidas senão que, também, o tipo de pessoa exigida para trabalhar nesse processo industrial, altamente desenvolvido, diferirá substancialmente do tipo de pessoa que era produto do trabalho voltado para a produção durante o período inicial do desenvolvimento capitalista. Nesse sentido, o fim da época burguesa constitui-se como uma antítese notável em relação a seu começo. Se no princípio o indivíduo foi transformado em uma fração, em executor de uma função fracionária, em uma extensão viva [apêndice] da máquina então, ao final, as próprias exigências da indústria irão requerer uma pessoa plenamente desenvolvida, com elástica plasticidade, e que seja capaz de modificar as formas sociais de trabalho, de modificar a ordenação do processo social de produção, e de, enfim, controlá-lo.

Não importa qual traço particular – que caracteriza o tipo psicológico humano dado – escolhamos, seja nos períodos iniciais ou mais recentes do desenvolvimento capitalista, por toda parte encontraremos sempre naturezas e significados duplos, em cada característica crucial. A fonte da degradação da personalidade das pessoas, na forma capitalista de produção, também contém, em-si mesma, o potencial para um infinito crescimento da personalidade humana.<sup>10</sup>

Para dar um exemplo, concluamos examinando situações de trabalho onde pessoas de ambos os sexos e de todas as idades têm que trabalhar juntas. “A composição do quadro geral de trabalhadores por pessoas de ambos os sexos e de todas as idades...” – diz Marx – “deve, ao contrário, sob circunstâncias apropriadas, transformar-se em fonte de desenvolvimento humano”.

De tudo isso pode se depreender que o crescimento da grande indústria contém, dentro de si mesmo, o potencial oculto para o desenvolvimento da personalidade humana e que somente a forma capitalista de organização do processo de produção industrial é responsável pelo fato de que essas forças exerçam uma influência unilateral e deformante, que retarda o desenvolvimento pessoal.

Em um de seus [primeiros] trabalhos de juventude, Marx afirmou que se a psicologia desejasse tornar-se uma ciência [realmente significativa], teria que aprender a ler o livro da história da indústria material, que contém “as forças humanas essenciais”, e que é a encarnação concreta da psicologia humana [N.doT.: “psicologia concreta do homem”].<sup>11</sup>

Da maneira como atualmente se dá, toda a tragédia intrínseca ao capitalismo consiste no fato de que ao mesmo tempo em que tal objeto de estudo [estudo objetivo], qual seja, [sobre] o psiquismo [psicologia] do homem – que contém dentro de si, virtual e infinitamente, a possibilidade do domínio sobre a natureza e o desenvolvimento de sua própria natureza – cresce a passo acelerado, simultaneamente, sua vida espiritual real estava se degradando e passando pelo processo que Engels descreveu tão vividamente como a deformação [mutilação] do homem.

Mas a essência de toda essa discussão consiste no fato de que esta dupla influência dos fatores inerentes à crescente industrialização de grande escala, sobre o desenvolvimento pessoal do homem, essa contradição interna do sistema capitalista, não pode ser solucionada sem a destruição do sistema capitalista de organização industrial. Nesse sentido, sobre a contradição parcial que nós já mencionamos – entre o poder crescente do homem e sua degradação que se aprofunda paralelamente, entre seu crescente domínio sobre a natureza e sua liberdade, por um lado, e a sua escravidão e dependência crescentes das coisas produzidas por ele mesmo, por

outro – queremos reiterar que [essa contradição] representa somente uma parte de uma contradição muito mais geral e totalizante, que subjaz ao sistema capitalista, enquanto totalidade. Essa contradição geral entre o desenvolvimento das forças produtivas e a ordem social que correspondente ao nível de desenvolvimento das forças sociais de produção [que já não encontra equivalência entre forças e relações sociais de produção], resolve-se através da revolução socialista e da transição para uma nova ordem social, em uma nova forma de organização das relações sociais.

*Ao longo desse processo, uma mudança na personalidade humana e uma transformação do próprio homem devem, inevitavelmente, tomar lugar.* Essas transformações têm três fontes fundamentais. A primeira delas consiste no fato mesmo da destruição das formas capitalistas de organização e produção e das formas de vida social e espiritual que se edificam a partir de seus cimentos. Junto ao esfacelamento da ordem capitalista, todas as forças que oprimem o homem e que o mantêm escravizado pelas máquinas – que interferem em seu livre desenvolvimento – também desaparecerão, serão destruídas. Junto com a libertação dos muitos milhões de seres humanos [da opressão], virá a libertação da personalidade humana dos grilhões que restringem seu desenvolvimento. Essa é a primeira fonte [da transformação] – a libertação do homem.

A segunda fonte da qual emerge a transformação do homem reside no fato de que, ao mesmo tempo em que as velhas correntes desaparecem, o enorme potencial positivo existente na grande indústria – o já crescente poder dos homens sobre a natureza – será libertado e tornado operativo. Todas as características já discutidas, das quais o exemplo mais notório é a mais nova forma de criar o futuro, baseada na combinação de trabalho físico e intelectual, irão perder seu caráter dual e mudar o curso de sua influência, de um modo fundamental. Enquanto anteriormente suas ações foram dirigidas *contra* as pessoas, agora elas irão começar a trabalhar *em seu benefício*. Ao invés de obstáculos – papel outrora desempenhado pelas mesmas –, elas se transformam agora em poderosas forças de promoção do progressivo desenvolvimento da personalidade humana.

Finalmente, a terceira fonte que inicia a transformação do homem é a mudança nas [próprias] relações sociais, entre as pessoas. Se as relações entre as pessoas sofrem uma mudança então, junto com elas, as idéias, padrões [N.doT.: ou “agendas”] de comportamento, exigências e gostos, também irão mudar. Como foi averiguado – pela pesquisa científica em psicologia – a personalidade humana é formada fundamentalmente pela influência das relações sociais; i.e., o sistema social do qual o indivíduo é parte, desde a infância mais tenra. “Minha relação para com meu ambiente”, diz Marx, “é a minha consciência”. Uma mudança fundamental do sistema global dessas relações, das quais o homem é parte, também irá conduzir inevitavelmente a uma mudança na consciência, uma mudança totalizante do comportamento humano.

A educação deveria desempenhar papel central na transformação do homem, o percurso de formação [social] consciente de novas gerações, a base mesma [forma básica] para transformar o tipo humano histórico [concreto]. *As novas gerações e suas novas formas de educação representam a rota principal que a história seguirá para criar o homem tipologicamente novo* [‘novo tipo de homem’]. Nesse sentido, o papel da educação social e politécnica é extramamente importante.<sup>12</sup> As idéias elementares da educação social politécnica consistem em uma tentativa de superar a divisão [N.doT.: “alienação”] entre trabalho físico e intelectual, reunindo pensamento e trabalho, separados durante o processo mesmo de desenvolvimento capitalista. De acordo com Marx, a educação politécnica proporciona a familiarização com os princípios científicos gerais a todos os processos sociais de produção e, a um só tempo, ensina às crianças e adolescentes as habilidades práticas que lhes possibilitam operar as ferramentas básicas utilizadas em todas as indústrias.

Krupskaia formula esta idéia da seguinte maneira: “Uma escola politécnica distingue-se

pelo fato de se centrar na interpretação de processos de trabalho, no desenvolvimento da habilidade para unificar teoria e a prática e na habilidade para entender a interdependência de certos fenômenos. Pelo contrário, o centro de gravidade nas escolas comuns é proporcionar aos alunos apenas destreza laboral.”<sup>12</sup>

A coletivização, a unificação do trabalho físico e intelectual, uma mudança nas relações entre os sexos, a abolição da separação entre desenvolvimento físico e intelectual, esses são os aspectos fundamentais da transformação do homem, tema de nossa presente discussão. E o resultado a ser alcançado, a glória que coroa todo esse processo de transformação da natureza humana, deveria ser o aparecimento da forma mais alta [superior] de liberdade humana, que Marx descreve da seguinte maneira: “Somente em comunidade [com os outros, cada] indivíduo [possui] os meios de cultivar suas faculdades em todas as direções: só em comunidade, então, é possível a verdadeira liberdade individual”<sup>13</sup>. Assim como a sociedade humana, a personalidade individual deve dar esse enorme salto adiante – ‘do reino da necessidade ao reino da liberdade’ –, na expressão de Engels.

Sempre que se discute a transformação do homem e a criação de um novo patamar, superior [mais elevado], de personalidade e conduta humanas, é impossível deixar de mencionar as idéias sobre um novo tipo novo de ser humano, relacionadas à teoria de Nietzsche sobre o ‘super-homem’. A partir de fatos rigorosamente verdadeiros – de que a evolução não se deteve no homem e que o tipo moderno de ser humano representa nada mais do que uma ponte, uma forma transitória, que conduz a um tipo superior, que a evolução não esgotou suas possibilidades quando criou o homem e que o atual tipo moderno de personalidade não é a realização mais alta ou a última palavra no processo de desenvolvimento [humano] –, Nietzsche concluiu que uma nova criatura pode surgir durante o processo de evolução, um ‘super-homem’, que guardará com o homem contemporâneo a mesma relação que o homem contemporâneo guarda, atualmente, com o macaco.

Porém, Nietzsche imaginou que o desenvolvimento desse tipo superior de homem estava sujeito à mesma lei de evolução biológica – a luta pela sobrevivência e a seleção baseada na sobrevivência do mais apto – que prevalece no mundo animal. É por isso que o ideal de poder, a auto-afirmação da personalidade humana em toda sua opulência de poder e ambição instintivos, o individualismo rude de homens e mulheres excepcionais – de acordo com Nietzsche – formariam o itinerário para a criação de um ‘super-homem’. Essa teoria é equivocada, porque ignora o fato elementar de que as leis de evolução histórica do homem diferem fundamentalmente das leis da evolução biológica [natureza], e que a diferença básica entre esses dois processos consiste no fato de que um ser humano evolui e se desenvolve como um ser histórico, social. Tão-só uma elevação de toda a humanidade a um nível mais alto de vida social – a libertação de toda a humanidade – pode conduzir à formação de um novo tipo de homem.

No entanto, essa mudança no comportamento e na personalidade humana tem que conduzir, inevitavelmente, à evolução do homem para um novo tipo, superior, para a posterior modificação do *tipo biológico humano*. Tendo dominado os processos gerais que determinam sua própria natureza, o homem que hoje está lutando contra a velhice e as doenças, elevar-se-á, indubitavelmente, a um nível superior e transformará, dessa maneira, sua própria constituição biológica. Mas tal é a fonte do maior paradoxo histórico do desenvolvimento humano: essa modificação biológica do tipo humano é alcançada principalmente por meio da ciência, da educação social e da racionalização [explicação racional] do modo de vida em sua totalidade. A transformação *biológica* do homem *não representa um pré-requisito* senão que, ao invés disso, *é resultado da libertação social do homem*.

Nesse sentido, Engels, que tinha estudado o processo de transformação do macaco em homem, disse que o trabalho criou o último<sup>14</sup>. Conseqüentemente, poder-se-ia dizer que novas

formas sociais de trabalho irão criar o novo homem e que, esse homem novo, irá se assemelhar ao antigo tipo de homem, “o velho Adão”,<sup>15</sup> apenas no nome. Da mesma maneira que, de acordo com a grande declaração de Spinoza, poder-se-ia dizer que um cachorro – o animal que late – assemelha-se à constelação celestial de nome Cão.<sup>16</sup>

### Notas

(\*) N.doT.: O presente texto foi traduzido da versão castelhana, cotejado com a tradução inglesa e adaptado ao português brasileiro por Roberto Della Santa Barros, exclusivamente para a publicação do presente **Especial Marxismo e Subjetividade**, no **Portal do PSTU**: <http://www.pstu.org.br>. Ambas as edições manejadas para a presente versão – a castelhana e a inglesa, respectivamente – foram traduzidas do original russo, sob coordenação do mesmo especialista: René Van Der Veer. A preparação dos materiais, bem como a revisão do resultado final, ficou a cargo de Marcelo Dalla Vecchia. Desde finais de 2004, uma tradução ao português foi gentilmente disponibilizada por Nilson Dória, no Portal marxista *Marxists Internet Archive* (MIA): <http://www.marxists.org>. No entanto, o próprio autor reconhece – em nota de tradução – os seus limites intrínsecos. Consultamos esse trabalho para a nova versão brasileira – aproveitando parte de sua lavra nas citações bibliográficas em inglês cotejando-as, a seguir, com o castelhanho – e optamos por preservar o título, tal qual o traduziu Dória: “A Transformação Socialista do Homem”: solução teórica e lingüísticamente preferível às adotadas por Van Der Veer em castelhanho (“La Modificación Socialista del Hombre”) ou em inglês (“The Socialist Alteration of Man”). As citações bibliográficas foram adaptadas e, quando possível – ou conveniente –, indicou-se versão disponível para consulta em idioma neolatino. Os acréscimos entre colchetes servem para suprir fragmentos, expor formas alternativas – tradução ou original – e, menos freqüentemente, constituem intervenções explicativas do tradutor no próprio texto. No último caso, vêm acompanhados da tradicional sigla: N.doT.

(i) VIGOTSKI, Liev S. (1930) La modificación socialista del hombre, en *La genialidad y otros textos inéditos*. Trad. René van der Veer y Guillermo Blank (ruso). Buenos Aires: Almagedo, 1998, p.109-125.

(ii) VIGOTSKY, Lev. (1930) The socialist alteration of man, in *Vigotsky reader*. Trad. René van der Veer and Jaan Valsiner (Russian). Blackwell, 1994. Texto disponível na Internet. MIA, 2006.

(iii) VIGOTSKY, Lev. (1930) A transformação socialista do homem, em *Marxists Internet Archive*. Texto disponível na Internet. Trad. Nilson Dória (inglês). MIA, 2004.

(iv) VIGODSKI, L. (Original) Socialisticheskaia pieriedielka chielovieka, In: *VARNITSO*, 3, p.36-44, 1930.

(\*\*) Jornalista (UNESP/FAAC, campus de Bauru), Mestrando em Sociologia (UNESP/FCL, campus de Araraquara) e Doutorando em Ciências da Comunicação (UAB/FCC, campus de Bellaterra). Contato:

[barrosroberto@yahoo.com](mailto:barrosroberto@yahoo.com).

(\*\*\*) Psicólogo (UNESP/FC, campus de Bauru), Mestre em Saúde Coletiva (UNESP/FMB, campus de Botucatu) e Membro do NEPPM, o Núcleo de Estudos e Pesquisa “Psicologia Social e Educação: contribuições do Marxismo”, da UNESP: <http://www.fc.unesp.br/neppem>. Contato: [mdvecchia@yahoo.com.br](mailto:mdvecchia@yahoo.com.br).

1. A primeira edição deste texto – por razão desconhecida, quiçá em função de um erro de composição na linotipia – foi publicada em 1930 com o sobrenome de Lev Semenovich Vigotski (ou Vygotsky) transliterado do alfabeto russo, originalmente, como “Vigodski” (In: VIGODSKI, L. (1930) *Socialisticheskaia pieriedielka chielovieka*. *VARNITSO*, 3, p.36-44). A revista *VARNITSO* era o órgão periódico da *Associação de Trabalhadores de Ciência e Técnica para o Avanço da Construção do Socialismo na União Soviética*. Esta nota – assim como as seguintes – foi adaptada a partir de edição castelhana, traduzida do russo por René van der Veer e Guillermo Blank. Ao sistema de notas adotado na versão castelhana, mais completo, foram feitas poucas modificações formais.

2. Vigotski escreve para um leitor familiarizado com as categorias mais elementares da teoria marxista, tais como: *forças sociais produtivas, relações sociais de produção e modo de produção social*. Recomenda-se a leitura de MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política [Grundrisse], em GIANOTTI, José Arthur (org.). *Marx*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

3. George V. Plekhanov (1856-1918) foi o primeiro teórico marxista russo – desempenhando papel equivalente ao de Kautski, na Alemanha, ou Labriola, na Itália –, tendo se dedicado à política, à filosofia e sua história, à estética etc. Aqui Vigotski provavelmente se refere à sua obra clássica, *A concepção materialista da história*, várias edições (PLEKHANOV, G. V. *Ocherki po istorii materializma*. Moscow, 1922).

4. Vigotski refere-se a *O Capital*, a obra de maturidade de Karl Marx (*Das Kapital*). MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.



5. Referência a livro de Engels, posteriormente conhecido como *O Anti-Dühring*.
6. Não encontramos a obra de Riazanov – encarregado do moscovita Instituto Marx-Engels-Lenin e responsável pela preservação dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* de Marx – à qual Vigotski se refere, no texto.
7. ENGELS, Friedrich. (1984) *Anti-Dühring*. Grijalbo: México, 1974, p.289 [Engels, Friedrich. *Herrn Eugen Dühring's Umwälzung der Wissenschaft*. Dietz Verlag, 1978, p.272].
8. Vigotski escreve “Engels”, no original, ao invés de Marx. Na verdade trata-se, sem dúvidas, de uma passagem d’*O Capital* e, portanto, um equívoco do mesmo [Vigotski] no manejo das citações bibliográficas.
9. Quando Vigotski diz “estudo clássico de Marx”, refere-se a *O Capital*.
10. “Vê-se que a história da indústria e a atual existência objetiva da indústria são o livro aberto das forças humanas essenciais, percebemos a psicologia humana existente ... uma psicologia para a qual esse livro, a parte de história que existe na forma mais perceptível e acessível, permanece um livro fechado, não pode se tornar uma ciência genuína, geral e real, verdadeiramente rica em conteúdo”. A passagem é dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*, de Marx, várias edições.
11. Ver *A Ideologia Alemã*, várias edições.
12. A esposa de Lênin – N. K. Krupskaja, Comissária-Ministra do Povo para a Educação – devotou muita atenção à questões educacionais, e trabalhou junto a Vigotski por um período. Em seu livro *Vospitanie molodezhi v Leninskom dukhe* [“Educação da Mocidade no Espírito de Lenin”] ela discutiu experiências internacionais, contemporâneas suas, com “escolas de trabalho” (“Arbeitsschule”), à luz do ideal de Marx sobre a educação politécnica. KRUPSKAJA, N. K. *Acerca de la educación comunista*. Buenos Aires: Anteo, 1970 [KRUPSKAJA, N. K. (1925) *Vospitanie molodezhi v Leninskom dukhe*. Moscow: Pedagogika, 1989].
13. Aí se encontra um dos mais clássicos enunciados da concepção marxiana sobre o indivíduo.
14. Originariamente concebido como introdução de um trabalho mais extenso, o qual nunca chegou a ser escrito, o texto que corresponde ao que conhecemos por “O papel do trabalho na transformação do macaco em homem” comporia a parte inicial de um projeto primeiramente chamado “As três formas fundamentais da servidão”, e a posteriori intitulado “O submetimento do trabalhador”. Em correspondência a Engels datada de 10 de junho de 1876, Liebknecht diz, entre outras coisas, que aguarda impacientemente o trabalho que Engels havia anunciado inicialmente como “As três formas...”, para publicá-lo no periódico “Volksstaat” [“Estado do Povo”]. O artigo, com o título de “O papel do trabalho...”, foi publicado em 1896 na revista teórica “A Nova Era”, do Partido Social-Democrata Alemão [SPD] (“Die Neue Zeit”, In: ENGELS, Friedrich. 1896. *Dialéctica de la Naturaleza*. ano XIV, tomo II. Moscú: Progreso, 1925).
15. “O velho Adão” pode ser uma referência implícita ao uso dado por Marx a essa expressão, n’*O Capital*.
16. Uma das citações favoritas de Vigotski, da Ética de Spinoza. SPINOZA, B. (1677) *On the improvement of the understanding. The ethics. Correspondence*. New York: Dover, 1955.